

Ano XXXVI - N.º 7

Revista Mensal

2,50 €

Julho/Agosto 2020

MENSAGEIRO

de SANTO ANTÓNIO

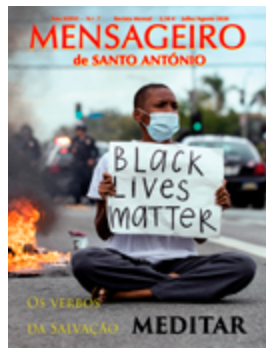


OS VERBOS

DA SALVAÇÃO

MEDITAR

Sumário



Julho/Agosto 2020 | N° 07 | Ano XXXVI

EDITORIAL

- 3** Falta de senso
ou aproveitamento?
Frei Severino

VOZ PARA VÓS

- 4** Peregrinos procuram-se
Fabrizio Bordin

HOMEM E SOCIEDADE

- 6** Jubileu 2020
Festa de Santo António
A Redação

- 8** Jubileu 2020
Santo António
e os seus Sermões
Frei Giovanni Voltan

- 10** Traços de uma Presença
E os deveres?
Juan Ambrosio

- 12** Pés na terra
A escola possível
Inês Espada Vieira

- 14** Memória e tradição
As relíquias de Santo António
na Igreja em Lisboa
Pedro Teotónio Pereira

ESPECIAL

- 15** Os verbos da salvação - 4
Meditar
Adelaide Miranda
e *Rui Pedro Vasconcelos*

IGREJA A CAMINHO

- 23** Devoção
Orações a Santo António

- 24** Espaço nova geração
Jovens... e Christus Vivit
Santa Catarina Tekawitha
Luís Leal

- 26** Nos Passos de António - 6
Quem não dá o salto
não é santo
Fabio Scarsato
Como, onde, quando,
se e porquê
Gilberto Borghi e Chiara Gatti

CULTURA

- 30** Artes e Letras
Livros
Rui Vasconcelos
Cinema
Pe. Manuel Monteiro Mendes

PÁGINAS ANTONIANAS

- 32** Páginas Franciscanas
25 anos da ordenação
sacerdotal de Frei José Augusto
A redação

- 34** Santo António,
mestre da palavra
A escada da transfiguração
Frei Valentim Strappazzon

CONTRACAPA

- 36** Oração pela nossa terra
5 anos da *Laudato si?*

Diretor

Frei José Augusto Marques
(Carteira Profissional TE-101)

Diretor-adjunto

Secundino Correia
(Carteira Profissional TE-1302)

Administrador

Frei Domenico Celebrin

Redação

Frei Severino Centomo

Proprietário e Editor

ACMSA - Associação Cultural
Mensajeiro de Santo António,
entidade sem fins lucrativos
(Pessoa Coletiva n.º 505 333 937)

Administração, Redação e Edição

Estrada de Assafarge, n.º 6
3040-718 Castelo Viegas

Atendimento:

segunda a quinta
das 10:00 às 12:30
e das 15:00 às 17:00

NOVO Telefone: 239 097 984

Correio eletrónico

mensajeiro.assinantes@gmail.com

Preço da assinatura anual

Só digital:	15 €
Portugal:	22 €
Europa:	35 €
Fora da Europa: 50€ - \$75 (CAN)	
Amigo:	50 €
Benemérito:	100 €

Preço avulso:	2,50 €
Números atrasados:	3,50 €

NIB da ACMSA

001000004251041000159

IBAN da ACMSA

PT50001000004251041000159
SWIFT/BIC: BBPIPTPL

Impressão

SERSILITO, Empresa Gráfica, Lda
Travessa Sá e Melo, 209
4471-909 MAIA

Número de Registo: 113.612

Depósito Legal n.º 26.837/89

Estatuto Editorial

<https://santoantonio.live/about/>

Edição digital

<https://santoantonio.live>

Tiragem do número anterior:

2.750 exemplares



Capa: Protesto "A vida dos negros importa" contra a morte de George Floyd, Los Angeles, EUA, 30 de maio de 2020. Foto EPA / Etienne Laurent.

Editorial: Estátua de Frei Junípero Serra vandalizada, Palma de Maiorca, Espanha, 22 de junho de 2020. Foto EPA / Atienza.

Contracapa: Pedregão Grande. Foto Arquivo MSA, 2017.

O Mensageiro de Santo António segue as normas do Acordo Ortográfico, desde janeiro de 2012.

AGÊNCIAS ECCLESIA E LUSA (PORTUGAL)

Falta de senso... ou aproveitamento?

Frei Severino Centomo

Julgar a história passada com as categorias do presente pode levar a consequências funestas, em detrimento da verdade e da paz.

Hoje, na nossa sociedade perturbada por vários vírus que atacam o corpo e o espírito, assistimos a manifestações alarmantes. Exemplo disso são os monumentos erigidos, ao longo de várias épocas, para vincar obras e pessoas que deram um contributo importante para o crescimento da humanidade, para o diálogo entre culturas e povos, embora iluminados (e condicionados) pela mentalidade do seu tempo.

Figuras como Frei Junípero Serra, que se colocou ao lado dos indígenas para que tivessem uma vida digna, não podemos apelidá-las de “racistas” só porque foram nos mesmos barcos dos colonizadores. Robert Baden Powell, fundador do Movimento Escutista, foi (e é)

uma pessoa benemerita no que se refere à pedagogia juvenil de todos os tempos. Confiná-lo a um período colonial de exploração dos indígenas africanos significa desvirtuar a sua figura como homem e educador. Decepar a cabeça de um busto que dá o seu nome a uma rotunda da cidade de Coimbra é, não só um ato de vandalismo, mas uma tentativa de conspurcar a verdade.

Nem sempre o que fazemos, mesmo quando motivado por bons sentimentos, representa a melhor escolha; mas uma pessoa vale não simplesmente por aquilo que faz, mas pela forma como o faz e pelas razões que o motivam. Santo Agostinho sintetizava assim o Evangelho: “Ama e faz o que quiseres”. Na verdade, quem ama renuncia a si próprio e põe o outro em primeiro lugar. Assim fez Jesus, assim procuram fazer os discípulos.

E que dizer de Santo António e dos Mártires de Marrocos? Queriam “converter” os muçulmanos, motivados pelos melhores sentimentos, mas o seu objetivo ficou logrado, pois os caminhos de Deus são insondáveis, Ele que nunca força a liberdade dos seus filhos. Depois do naufrágio e da queda dos seus “sonhos”, Santo António começou a entender e, por isso, na sua pregação contra os hereges, nunca forçou a conversão, antes procurou mostrar que a força do amor pode “transportar montanhas” (Mc 11, 23).

Eis o que a experiência de António nos ensina: só a força de Deus e da sua Palavra nos podem fazer avançar pelo caminho da verdade e da paz; e só o diálogo nos pode levar à fraternidade universal. Qualquer outro caminho, baseado na força do poder ou do dinheiro, apenas nos afastará ainda mais deste ideal. ■



Peregrinos procuram-se

Frei Fabrizio Bordin

Montreux, Switzerland, 2017. Foto EPA/ANTHONY ANEX

Acabo de ler que no “co-
ração do verão retomarão,
com muita cautela, as
viagens organizadas aos
santuários marianos da
Europa”.

Comenta Francisco Ognibene: “Há nestas propostas, um chamamento às origens. Talvez porque a meta é uma Mãe que espera por nós, em cada dia, paciente e carinhosa”.

Acolho como um bálsamo estas palavras, talvez porque ainda sinto nas pernas os quilômetros percorridos, de uma só vez, de Santarém a Fátima. Há muito tempo, dizia quem caminhava comigo, que não via um céu tão cheio de estrelas.

Caminhando, vem ao de cima todo aquele mundo interior que o vírus do frenesim vai enterrando sem nos darmos conta.

Celebrar os 800 anos da vocação franciscana de Santo António significa, também, lembrar este pequeno e extraordinário pormenor: uma vida itinerante, de longos caminhos, de olhar contemplativo, de voz penetrante, recompensada com a visão do rosto divino na meta final, “Vejo o meu Senhor”.

Ainda noviço, em Pádua, no mês de fevereiro de 1981, assisti à revisitação dos restos mortais de Santo António. Algo de extraordinário, visto que a última vez tinha sido, em 1263, quando São Boaventura encontrou incorrupta a língua do Santo lisboeta. Desta vez, houve uma análise pormenorizada e científica aos restos mortais, por parte dos professores da Universidade de Medicina de Pádua.

No relato feito, sobressaíram estas três dicas: Santo António tinha sinais evidentes no seu corpo de um homem que “ca-

minhou” muito, que passou bastante tempo “de joelhos” e que “comeu, de preferência, legumes”.

Podem parecer meras curiosidades, mas não será este um interessante contributo da ciência para reconstruir o seu perfil espiritual, mostrando toda a sua atualidade? António, desde o sul de Itália onde naufragou, percorreu longas distâncias, contemplando, rezando, pregando, defendendo, instruindo e distribuindo graças.

A pandemia travou os nossos ritmos frenéticos, mas agora sairemos das emergências, mais “peregrinos” e menos consumidores. Já temos um manual para peregrinar neste tempo: a *Laudato Si'* do Papa Francisco. Começou um ano a ela dedicado, para passar da teoria às boas práticas. Procura-se, então, peregrinos para ver as estrelas no meio da noite. ■

COLABORA COM A CARITAS ANTONIANA

Assina e divulga

O Mensageiro de Santo António

Ler



Viver



Partilhar com António

Ao assinar a revista, durante o **Jubileu 2020**,
estás a contribuir com **10%** para a **Caritas Antoniana**.

Preço da assinatura anual

Só Digital	15 €
Edição impressa Portugal:	22 €
Edição impressa Europa:	35 €
Edição impressa Fora da Europa:	50€ - \$75 (CAN)

NIB: 0010 0000 42510410001 59

IBAN: PT50 0010 0000 42510410001 59

COLABORA
1220-2020
Jubileu
DOS MÁRTIRES DE MARROCOS
E SANTO ANTÓNIO



MENSAGEIRO
de SANTO ANTÓNIO

santoantonio.live



Festa de Santo António

A Redação

Homília do Bispo de Coimbra, D. Virgílio do Nascimento Antunes, no dia de Santo António, no adro da Igreja de Santo António dos Olivais – Coimbra. À direita: Dom Virgílio e o pároco, Frei Domingos Celebrin. Fotos MSA, 13 de junho 2020.

Na festa de Santo António, o Bispo D. Virgílio Antunes, Bispo de Coimbra, ofereceu aos fiéis que participaram na Missa, presencialmente, bem como pelas redes sociais, um resumo incisivo da figura de Santo António, da sua mensagem e do seu testemunho de vida. Destacamos algumas passagens da sua homília.

Caríssimos irmãos e irmãs!

Celebramos esta festa no contexto do Jubileu de Santo António e dos Mártires de Marrocos, um dom que a Igreja nos oferece pela mão e pelo ministério apostólico do Papa Francisco. Sentimo-nos ancorados no nosso júbilo por termos Santo António há oitocentos anos e o Papa Francisco na atualidade como discípulos de S. Francisco de Assis, um homem e um cristão que levou a Igreja a voltar a Jesus e ao seu Evangelho, procurando com amor torná-la mais fiel à sua identidade originária.

A Igreja nunca pode deixar de se purificar, porque, sendo santa enquanto habitação do Deus Santo, é pecadora pelos seus membros, que somos nós, homens de todos os tempos sujeitos à fragilidade da nossa condição, mesmo que habitados pelo Espírito que nos santifica.

No seu percurso terreno, muitas são as figuras que Deus lhe envia para a não deixarem refém da nossa humanidade e lhe apontarem com palavras e com o testemunho da vida a vocação a que é chamada: ser santa. S. Francisco de Assis é, sem dúvida um dos bastiões mais elevados da resposta à graça de Deus, que santifica. Pelo seu amor empenhado a Deus, à humanidade e a toda a criação, ele apontou, no passado, e continua a indicar, no presente, a Pessoa de Jesus Cristo, pobre, humilde e servo, o Filho de Deus cheio da única sabedoria, que nos salva.

Santo António, tocado pelo jeito franciscano de acolher e viver o Evangelho, levantou-se do meio de nós, passou pela nossa cidade dos homens e apontou-nos de forma exímia os mesmos caminhos da sabedoria que nos salva.

SANTO ANTÓNIO DE COIMBRA

Como cidadãos de Coimbra e do mundo, não podemos menosprezar o seu testemunho nem deixar passar em vão o seu modo de viver o Evangelho, tipicamente franciscano, o que é muito mais do que qualquer forma histórica de franciscanismo. A sua vida remete, acima de tudo, para o cristianismo, no sentido mais pleno deste termo, usado frequentemente de forma tão superficial e redutora do seu verdadeiro conteúdo.

Para Santo António, dizer cristianismo significou infinitamente mais do que dizer cultura ou civilização cristã, como um sistema estruturado de ideias e de valores, pois foi acima de tudo assumir Cristo enquanto pessoa, palavras, obras, sentimentos, mas também Cristo como Igreja, Povo de Deus, homens e mulheres todos irmãos, verdade em que se acredita, horizonte de verdadeira vida no tempo e na eternidade, amor que se reparte e esperança que nos anima.

...

A INQUIETAÇÃO INTERIOR CARACTERIZOU TODA A VIDA DE SANTO ANTÓNIO

Pela história e pela sua biografia, sabemos que foi homem inteligente e culto, desejou ardentemente conhecer os mistérios de Deus, da humanidade, da criação, da ciência, fazendo uma síntese harmoniosa entre a fé e a razão, entre o conhecimento humano e as ciências teológicas, realidades que a muitos parecem antagónicas, mas que a ele apareceram como caminhos de procura de uma única sabedoria divina.

A sua fé potenciou o crescimento do desejo de conhecer inscrito na sua condição humana, e a sua ciência adquirida pelo estudo e pela experiência de vida julgou e afinou o seu modo de acreditar, de amar e de viver.

Em Santo António vemos realizados os antigos axiomas da teologia cristã, desenvolvidos pelo pensamento do Papa João Paulo II na Encíclica *Fides et ratio*. Procurou sempre estudar, conhecer e compreender todos os mistérios para melhor acreditar; sempre se dispôs a crescer numa fé pessoal e acolhida como um dom, ou seja, a acreditar, para melhor conhecer tudo o que pela revelação e pela inteligência humana nos é dado compreender.

...

O testemunho dos Mártires de Marrocos, cujas palavras desconhecemos, falaram eloquentemente de uma prática de fé e de vida que ficou indelevelmente gravada na sua mente e no seu coração, a ponto de o fazer mudar radicalmente o rumo. Eles praticaram e ensinaram como somente os mártires podem fazer, pois aí está o cume da manifestação da autenticidade da fé e da vida.

JUBILEU 2020 - 800 ANOS DA VOCAÇÃO FRANCISCANA DE SANTO ANTÓNIO

Caríssimos irmãos e irmãs, basta-nos esta sabedoria do alto incarnada pelo nosso Santo Padreiro como inspiração maior da nossa vida pessoal, familiar e comunitária. Esse desafio acaba de nos ser feito pelo papa Francisco, quando em carta dirigida aos Frades Menores Conventuais, diz: “Espero que esta significativa ocorrência (o oitavo centenário dos Mártires de Marrocos e da vocação franciscana de Santo António) desperte, nos Religiosos Franciscanos e nos devotos de Santo António espalhados pelo mundo, o desejo de experimentar a mesma santa inquietação que o levou pelos caminhos do mundo a testemunhar, com a palavra e as obras, o amor de Deus”.

Esses devotos somos nós aqui presentes, são os paroquianos de Santo António dos Olivais, são inúmeros cristãos da nossa Diocese de Coimbra, chamados a “ver o Senhor” e a fundar n’Ele a própria vida.

Coimbra, 13 de junho de 2020,
Virgílio do Nascimento Antunes, Bispo de Coimbra ■



Santo António e os seus Sermões

Santo António, Doutor Evangélico (sec. XVIII), Convento de São Francisco, Lamego. Atualmente na exposição temporária “De Fernão se fez António”, patente no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, no Jubileu 2020. Foto arquivo MSA.

Frei Giovanni Voltan



Com a devida vénia e agradecimento, publicamos estes apontamentos de Frei Giovanni Voltan, OFM Conv., acerca dos *Sermões*, nos quais Santo António revela toda a sua sabedoria e ânimo pastoral.

Frei António, a quem Deus deu a inteligência das Sagradas Escrituras e o dom de pregar Cristo ao mundo inteiro com palavras mais doces que o mel.

1Cel XVIII; FF 407

Passada a festa do Santo e dos 800 anos da sua entrada na Ordem dos Frades Menores, quero esboçar algumas linhas sobre Santo António à luz da sua única obra que chegou até nós: os

Sermões dominicais e festivos. Neles encontramos o rosto e toda a existência de António: cônego regente de Santo Agostinho, frade menor, mestre e pregador.

Como premissa, temos uma carta preciosa que Francisco de Assis escreve a António – um feliz encontro entre a intuição de António e o discernimento de Francisco – chamando-o de “meu bispo”: na prática, trata-se da autorização do *Poverello* de Assis a António para que este se dedique ao ensino da teologia aos frades, constituindo o Estudo de Bolonha.

Os *Sermões* recolhem os apontamentos das aulas dadas aos confrades preparando-os para a pregação.

No prólogo, o próprio António define os dois propósitos que o levaram a escrever tão extenso comentário sobre a Palavra de Deus: “a edificação das almas e a satisfação do leitor e do ouvinte”.

António escreve em tempos muito restritos, obtidos sabe-se lá como e quando, dado o seu generoso serviço itinerante em apenas dez anos de vida de frade menor! O frade lusitano, “vencido pela insistência e pelo amor dos irmãos”, coloca nas mãos dos confrades uma admirável coleção de materiais (especialmente os comentários aos evangelhos dominicais e festivos) capaz de alcançar as várias categorias de pessoas que os frades haveriam de encontrar.

**O PREGADOR “PREGUE”,
ANTES DE MAIS,
COM O SEU TESTEMUNHO**

António não esquece a preocupação de Francisco: o pregador “pregue”, antes de mais, com o seu testemunho, viva o que anuncia, não se meta em brigas ou disputas, mas submeta-se a toda criatura. Seja irmão menor de todos.

Uma novidade dos *Sermões* consiste no modo de conceber a evangelização: António, além do conteúdo, tem em conta os protagonistas, ou seja, os pregadores e os fiéis que precisam ser alcançados pela Palavra da salvação.

Deste modo não se trata de uma obra apenas doutrinária ou teológica, mas, como o atestam as orações dirigidas ao Senhor Jesus, no final de cada

comentário, António pretende acender em cada um uma espiritualidade capaz de se elevar até à contemplação.

O objetivo da obra é “partilhar” a Palavra com sabedoria, torná-la compreensível e útil para a vida, convertendo o coração para uma vida evangélica. Levar para Jesus!

Não é fácil penetrar nos *Sermões*, nos quais António coloca toda a sua formação anterior ao serviço da tarefa evangelizadora assumida pela família franciscana: é preciso conhecer o contexto cultural, teológico e eclesial da época. É preciso alguém que nos “guie” para entendermos como os comentários (as “glosas”) da época eram aplicados às Escrituras, em que ponto estávamos na caminhada teológica e na compreensão bíblica (em sentido literal, alegórico, moral e anagógico).

Enfim, precisamos de um “esquema básico”, não esquecendo também a forma original como António trata e interpreta as Escrituras. O próprio Santo – proclamado Doutor Evangélico (Pio XII, 16 de janeiro de 1946) – atua como um “mestre”, indicando em cada comentário o que pretende tratar e acentuando o sentido moral da sua obra, porque, afinal, é a Palavra acolhida que transforma a consciência e se concretiza na vida.

ESCUTEMOS ANTÓNIO: “AS ESCRITURAS SÃO A TERRA FÉRTIL QUE PRODUZ PRIMEIRO A HASTE, DEPOIS A ESPIGA E FINALMENTE O GRÃO MADURO”.

Nesta densa frase do prólogo que segue a sugestão do livro da criação, encontramos três sentidos do texto sagrado (alegórico, moral e anagógico), conjugados com as três virtudes teologais (haste – sentido alegórico ligado à fé; espiga – sentido moral, caridade; grão maduro – sentido anagógico, esperança). Quanta riqueza!

É preciso coragem, mas com um pouco de paciência e leitura “assistida”, podemos, também nós, penetrar no livro de *Sermões*, de modo que o mesmo não passe de um belo exemplar na estante da biblioteca pessoal ou conventual.

Por fim, destacamos a semelhança dos tempos de Francisco e António com os nossos, no que diz respeito à pregação e à sua fundamental preparação. A primeira “fraternidade” encarregou-se desde cedo, – de forma testemunhal, “dentro” e não “contra” a Igreja – conforme o pedido do Concílio de Latrão IV (1215).

O concílio de Latrão propunha a reforma de todo o tecido eclesial a partir da retoma da pregação pelos Bispos e pelos colaboradores por eles designados.

A perigosa “concorrência” era constituída pelo aumento dos movimentos heréticos, muito mais ativos e capazes de explicar na língua vernácula as Escrituras, captando a necessidade das pessoas que ansiavam por uma renovação evangélica. Uma vitória fácil para os hereges, pois o clero não brilhava nos bons costumes, nem estava preparado para a pregação.

Quanto a nós, vivemos no período do pós-Concílio, da “nova evangelização” (cf. João Paulo II), da necessidade – mais prioritária do que nunca – de saber comunicar, com a linguagem mais adequada, a alegria do Evangelho (cf. Papa Francisco: *Evangelii gaudium*). São Francisco exorta-nos a fazê-lo com a nossa própria vida *secundum sancti Evangelii*; Santo António, na mesma senda, pede que a boa preparação seja um ato de amor ao Senhor e às pessoas, bem como uma ocasião para a conversão pessoal e comunitária. E, depois, oferecer a Palavra com estilo franciscano: com cordialidade humilde, sem discursos “pomposos”, descendo à vida concreta (vícios e virtudes), certificando tudo com uma vida de verdadeiro irmão menor e alegre (cf. *Regra bulada*, III). Na aparição de Arles, Francisco “confirma” António, enquanto este prega aos seus confrades um sermão sobre a cruz (o acontecimento é relatado mais do que uma vez nas fontes franciscanas).

Uma última palavra: a habilidade do pregador é passar do estudo para as pessoas concretas. Assim, gostamos de pensar em António (*Arca do Testamento*, conforme a expressão de Gregório IX), capaz de passar “do livro para a multidão” (cf. *Do livro para a multidão. Antonio de Pádua e o franciscanismo medieval*, de A. Rigon) e de falar a língua de todos, de ser entendido por todos.

A sua língua incorrupta é para nós um sinal eloquente de quanto cada um de nós, com a pregação por palavras, obras e vida, pode ser um humilde e eficaz ministro da alegria do Evangelho. Sem esquecer a imensa confiança que as pessoas ainda depositam em nós, frades, porque nos consideram próximos deles, os freis /os irmãos do povo. ■

E os deveres?

Juan Ambrosio

Foto: Jeremy Bishop | Unsplash.

De um modo ou de outro, estamos quase todos a tentar voltar à normalidade nas nossas vidas. Confesso que, se por um lado percebo a urgência dessa dinâmica, por outro ela causa-me alguma apreensão. É que o voltar ao normal, sem mais, parece-me problemático.

E digo isto, não só porque nestes poucos meses foram tantas e tão grandes as alterações ao nível da conjuntura nacional e internacional, que me parece muitíssimo difícil, se não mesmo impossível, retomarmos a normalidade a partir do ponto em que ela foi interrompida,

como, e principalmente, porque me parece que termos nesta fase o objetivo de simplesmente voltar à dita normalidade interrompida, configuraria aquilo que certamente se poderia apelidar de uma oportunidade perdida.

A situação que vivemos tornou evidente que temos de introduzir alterações nos nossos estilos de vida. Na verdade, já muitos intuía essa necessidade, mas os tempos e as situações pareciam não proporcionar a oportunidade para iniciar definitivamente as mudanças urgentes e necessárias.

Pois bem, a oportunidade está aí. Em bom rigor não fomos nós que a procuramos, por isso nos apanhou de surpresa, mas compete-nos, agora, saber apro-

veitá-la bem. E neste processo que critérios utilizar? Em que direção devemos caminhar? Qual deve ser o nosso horizonte?

Os direitos das pessoas, dos povos e dos estados são certamente um critério a ter bem presente. Julgo até que nessa linha já se fazem sentir bem alto as vozes que os reivindicam. E elas não podem mesmo ser caladas. Mas sejamos claros e não tenhamos medo de formular outra questão.

Será que o caminho que temos de percorrer só pode ser realizado tendo como pontos de orientação os direitos? E os deveres? Que papel podem desempenhar nesta equação?

Face à pergunta, e na tentativa de declinar as várias respostas possíveis, vai-se desenhando, em mim, uma orientação fortemente inspirada pela leitura do n° 10 da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Depois de ter identificado o individualismo egoísta como sendo o grande risco do mundo atual – e como é certo este diagnóstico mesmo para os tempos presentes –, o texto avança com uma proposta que, sinceramente, me parece igualmente apropriada para o momento que vivemos:

A proposta é viver a um nível superior, mas não com menor intensidade: “Na doação, a vida se fortalece; e se enfraquece no comodismo e no isolamento. De facto, os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança da margem e se apaixonam pela missão de comunicar a vida aos demais”. Quando a Igreja faz apelo ao compromisso evangelizador, não faz mais do que indicar aos cristãos o verdadeiro dinamismo da realização pessoal: «Aqui descobrimos outra profunda lei da realidade: “A vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros”. Isto é, definitivamente, a missão».

Interrompo a citação para sublinhar a dinâmica do dom que aqui é apontada. Temos direitos? Sim! Mas também temos, atrevo-me a dizer, sem ter medo de assim o chamar, o dever de cuidar da vida uns dos outros e o de comunicar vida aos demais.

Ainda que para alguns possa parecer estranho, estou cada vez mais convencido de que os deveres devem igualmente ser um dos critérios a ter em conta.

Se pensarmos só nos direitos, sem ter bem presentes os deveres dos quais, em certa medida, os primeiros decorrem, não me aprece que consigamos ir muito longe na promoção dos novos e urgentes estilos de vida.

E retomo o texto, destacando-o, agora, na sua interpelação às comunidades cristãs:

Consequentemente, um evangelizador não deveria ter constantemente uma cara de funeral. Recuperemos e aumentemos o fervor de espírito, “a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas! (...) E que o mundo do nosso tempo, que procura ora na angústia ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e descoroçados, impacientes

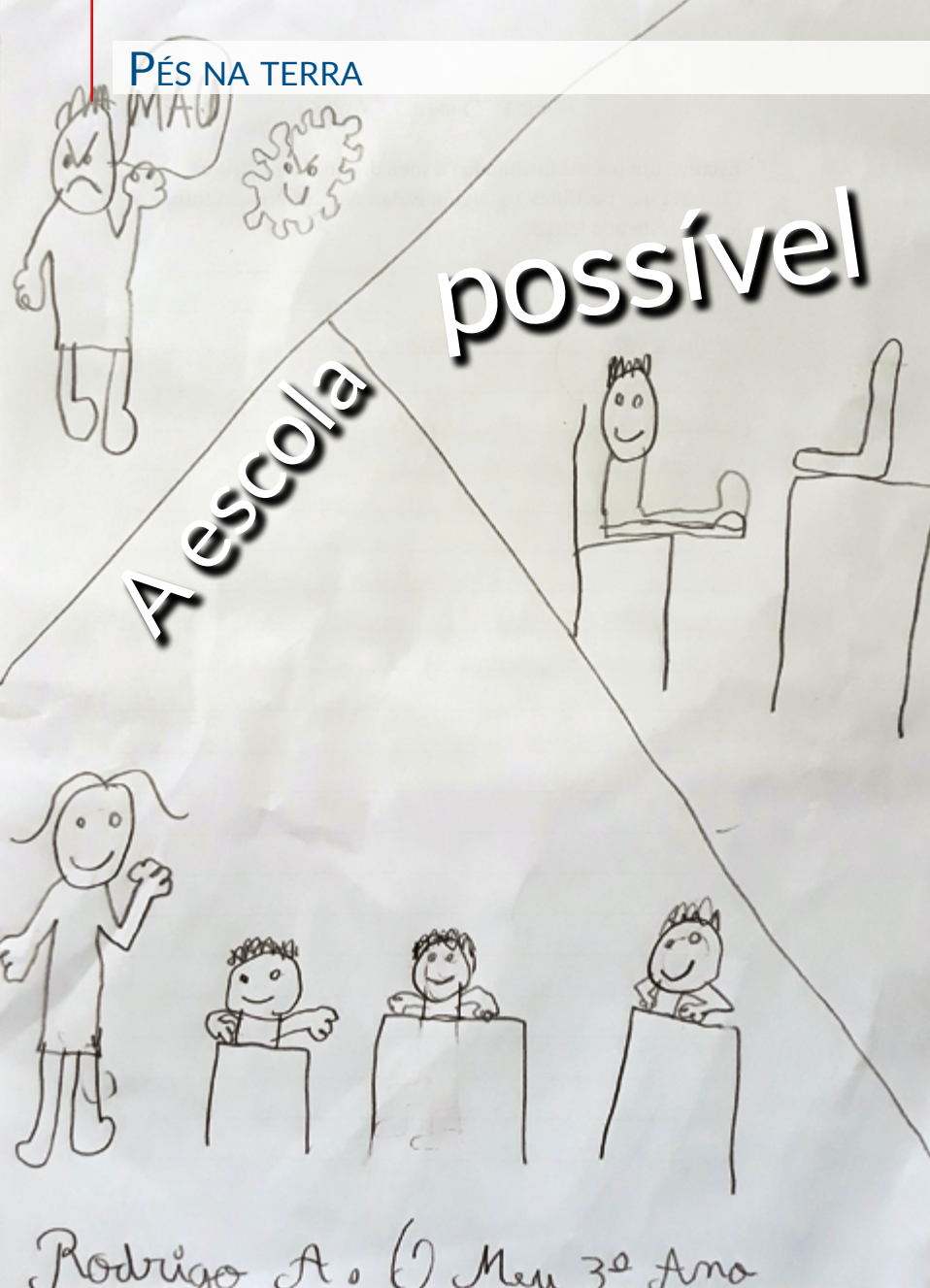
ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo».

NO MEIO DA SITUAÇÃO EM QUE VIVEMOS, A CELEBRAÇÃO, O ANÚNCIO E A ALEGRIA DEVEM OCUPAR TAMBÉM UM LUGAR DE DESTAQUE.

Não porque ignoremos as dificuldades e os sofrimentos de tantas e tantas pessoas, mas, pelo contrário, porque não podemos, nem queremos, deixar de tê-las bem presentes, de modo a que nas situações em que a angústia e a esperança se entrelaçam de uma maneira tão evidente, possamos apontar novos horizontes, comprometendo-nos com a missão (dever) de comunicar vida a todos. ■



Caravana da paz da Acção Católica, Angelus, Vaticano, 2017. Foto: Cristian Gennari.



A escola é um dos pilares da sociedade contemporânea, por muitas e nobres razões, pela certeza de que a escola é um dos mais fundamentais direitos dos cidadãos, porque é porta aberta a um futuro mais livre e melhor para cada um e para a sociedade.

Mas a escola é também um dos pilares da nossa vida em comum porque é à volta dos seus ritmos, dos seus horários, das pausas e dos momentos de maior exigência, que se organiza a vida das pessoas. Obviamente, a vida das famílias com crianças e jovens a frequentar diferentes níveis de ensino, mas com um impacto em toda a vida comum: a frequência dos transportes públicos, o trânsito de acesso às cidades, os preços dos alojamentos de férias, etc.

ESTE ANO NÃO É MAIS UM ANO QUE PASSOU

Este ano não é “mais um ano que passou” e nem sequer as férias são vividas com a tranquilidade de um setembro expectável. Há muita vontade de que tudo regresse ao modo conhecido de estar na escola: as salas, o recreio, o ginásio, os amigos, os professores, os auxiliares, a cantina, o bar, a sala de convívio, a biblioteca, o café em frente à escola, os trabalhos de grupo, as festas de aniversário...

O ministro da educação, Tiago Brandão Rodrigues, anunciou, a 23 de junho, que o ano letivo 2020/2021 começará entre 14 e 17 de setembro, com um ensino presencial “possível e perene”.

Acabou a escola. Do pré-escolar às universidades, a segunda parte do ano letivo de 2019/2020 vai ser recordada como um ano singular.

Na experiência individual muitos anos são especiais, mas como comunidade os anos letivos são habitualmente “mais um ano que passou”, dito sem desprimor, mas com a familiaridade do tempo cíclico, dos meses comuns, do quotidiano.

As universidades também preparam o regresso às aulas com expectativa, com prudência e ainda sem muitos detalhes sobre os moldes em que se desenrolará.

Nos meios de comunicação social contrastam-se opiniões sobre os perigos de juntar os jovens nas escolas e nas universidades, sobre soluções para a convivência com o menor risco possível, sobre eventuais cenários de “voltar a confinar”. Em vários países, o debate é o mesmo, as opções são diferentes.

Num momento em que se mantém um crescimento estável dos novos casos de infeção por coronavírus (sim, crescimento estável, no sentido em que o ritmo do aumento se mantém mais ou menos nos mesmos valores ao longo das últimas semanas), todos os intervenientes no processo educativo – governo, escolas, docentes, famílias – querem poder sonhar com a abertura do ano letivo sem condicionamentos demasiado restritivos, mas todos mantêm em suspenso um compromisso que se possa vir a revelar precoce e por isso ineficiente.

Porém, o verão é longo ainda, e cada dia passa devagar para quem está a pensar na nossa saúde individual e coletiva. É necessário ser cauteloso na hora de antecipar cenários, planos, desejos. Mas não é possível resistir às saudades das salas de aula, das mochilas carregadas, dos lápis de cor e dos cadernos, às saudades dos trabalhos de grupo no bar, das jornadas de estudo na biblioteca, das longas conversas empoleirados num dos muros do *campus*.

OS MESES DE MARÇO A JUNHO NÃO FORAM FÁCEIS PARA NINGUÉM

Nem sempre se fez bem, talvez devêssemos ter feito outras coisas, é verdade. É certo também que não é difícil encontrar aspetos melhoráveis na organização do ensino, no seguimento das aulas *online*, na relação professor-aluno, na intervenção das direções pedagógicas, no papel das famílias. São imensos os contrastes entre anos de escolaridade, entre escolas, entre regiões do país, entre professores, entre recursos tecnológicos disponíveis, velocidades de ligação à internet, etc. E como escreveu a jornalista Sara Belo Luís, é muito importante que nós, os privilegiados, saibamos “calçar os sapatos dos outros” (Visão, 13-4-2020, “Zoom, Classroom, Telescola...? Mas o problema do ensino à distância é o acesso à Internet?”).

O ENSINO A DISTÂNCIA NÃO É REALMENTE A ESCOLA

Mas este ano foi a escola possível e é muito bom o que conseguimos alcançar juntos – escolas, famílias, agentes locais (recordo a importante intervenção das freguesias e das paróquias, por exemplo, junto dos alunos mais desfavorecidos).

Consciente de que nem todas as experiências foram positivas, de que cada ano escolar e cada idade condiciona a aprendizagem nesta situação, consciente do cansaço, das limitações da falta de contacto pessoal, das implicações de estar longe do espaço físico escolar, da suspensão dos apoios, nomeadamente na alimentação, consciente de tudo isto, dizia, gostaria de fazer um brevíssimo balanço e centrar-me no que aprendemos e no que recebemos.

APRENDEMOS ALGUMA MATÉRIA E MUITO SOBRE ORGANIZAÇÃO, SOBRE TRABALHO AUTÓNOMO, SOBRE PLATAFORMAS DIGITAIS DE ENSINO, SOBRE PARTILHAR MATERIAL E ESPAÇO, LEMOS UM POUCO MAIS, TENTÁMOS FAZER EXERCÍCIO, CONVERSÁMOS E PROCURÁMOS AJUDAR, PENSÁMOS, DESISTIMOS, INSISTIMOS.

Recebemos atenção, solidariedade, debate de ideias, opiniões que ajudaram a formar as nossas; zangámo-nos, comovemo-nos e sentimos que há pessoas que se preocupam connosco. Muitos professores tiveram um incomensurável trabalho: dedicado, persistente, flexível, criativo, sério, rigoroso e amoroso, que de várias maneiras terá “salvo” o ano de muitos alunos e famílias que precisam de encontrar um sentido para o seu esforço, para a sua reinvenção, para as suas dúvidas acerca da “escola possível”.

Insisto: sem fingir que correu tudo bem, creio que muitos de nós – pais, alunos, educadores, professores, avós, tios, irmãos – que estivemos nas salas de aula online, telefónicas, televisivas, podemos fazer um balanço positivo do ano letivo.

Porque, apesar dos pesares, foi possível de um modo geral manter viva a chama recíproca do ensinar e do aprender, do questionar e do rasgar de horizontes, em liberdade, com consciência, solidariedade e criatividade. ■



As relíquias de Santo António na Igreja em Lisboa

A presença de relíquias de Santo António na sua igreja em Lisboa, local onde nasceu, assume uma importância acrescida para a afirmação deste santuário na devoção antoniana.

Referências antigas mencionam a presença de um cofre de prata dourada com “um pedaço do casco, inda com cabelo do circilo” que o infante D. Pedro, filho de D. João I, trouxera em 1428 das suas peregrinações (*Agiológio Lusitano*, 1666). Para alguns autores, esta relíquia surge representada nas mãos de Pêro de Serpa nos *Painéis de São Vicente de Fora* de Nuno Gonçalves.

Há ainda referências a parte de um braço que seria mais tarde completado com outro pedaço trazido por D. Sebastião, em 1570, referências não confirmadas em notícias posteriores.

Certa é a oferta de um dedo do Santo obtido da república de Veneza pela rainha D. Margarida de Áustria (mulher de Filipe II de Portugal), em 1609, e colocada numa rica custódia de ouro. Esta relíquia desapareceu no dia 8 de junho de 1718, conforme noticiado na *Gazeta de Lisboa* nº 24, de 16 de junho de 1718, que anunciava que D. José prometia por editais públicos “um conto de réis a quem descobrir esta santa relíquia e a pessoa que a furtou”.

O incremento da devoção ao longo do século XIX e início do século XX é acompanhado pela oferta à igreja de Santo António, em 1938, de um fragmento do osso da face, atualmente na cripta

da igreja, e em 1981, de um pedaço de dedo, colocado em relicário de prata que é apresentado apenas em ocasiões muito especiais.

Mais antiga é a maior relíquia do Santo existente em Portugal e que se guarda na Igreja de Santo António. Composta por parte do braço, deverá ter sido oferecida pelos paduanos à República de Veneza, em 1652, com esperança da proteção dos ataques turcos. Anos mais tarde, esta relíquia será oferecida à imperatriz Ana de Áustria, que acabou por oferecê-la a uma princesa portuguesa que, por sua vez, a doou à Companhia de Jesus. A relíquia permaneceu no relicário de São Roque até 1951, ano em que foi entregue à Igreja de Santo António, conservando-se no altar-mor desta igreja desde então.

Há muitas outras referências a relíquias de Santo António em Portugal, algumas cuja memória se foi esbatendo, de onde se destacam as que existem em Santa Cruz e Santo António dos Olivais em Coimbra, um dente de Santo António oferecido, em 1616, a Frei Luis Mendes de Vasconcelos pelo rei de França Luis XIII que estava na Abadia de Bertandos, uma parte do hábito do Santo que existia no Convento dos Carmelitas Calçados em Lisboa, uma tigelinha de madeira por onde Santo António bebia referenciada no Convento da Madre de Deus ou cartas escritas por Santo António e que faziam parte do acervo da Casa de Bragança. Referência ainda a um pedaço de papel manuscrito por Santo António e que era guardado como preciosa relíquia no Hospício do Santo Cristo de Fraga, no bispado de Viseu, junto à Senhora da Lapa.

Por último, a relíquia oferecida por Pádua à cidade de Lisboa em 1968, um pedaço do braço de Santo António colocado em relicário-busto, e que sai todos os anos a 13 de junho na procissão de Santo António que percorre as ruas de Alfama. ■



1. Relíquia que está no altar mor
2. Relíquia que está na cripta
3. Relíquia que é exposta em ocasiões especiais

Um verbo que sempre se fez presente na tradição da Igreja e, nas últimas décadas, também na investigação científica e nas revistas da moda.

E, ao mesmo tempo, um verbo que nos parece distante, reservado a uns poucos.

Afinal, meditar não faz parte do dia-a-dia do cristão?



Os verbos da salvação

4. Meditar

1. Das Avé Marias à neurociência

Foto: Daniele Levis Pelusi | Unsplash.

NO INÍCIO HAVIA O SER HUMANO...

... E o ser humano, a par do pensamento rápido, de ação-reação que lhe permite sobreviver num ambiente hostil, desenvolveu um pensamento lento, próprio de um cérebro em evolução.

Uns milénios à frente cá estamos nós e, por curiosidade, fui tentar perceber como tem evoluído o interesse da meditação como objeto de estudo científico. Para isso, usei uma base de dados que se chama *PubMed*. Esta base de dados, desenvolvida e mantida pelo Centro Nacional de Informação Biotecnológica dos EUA, contém mais de 30 milhões de citações e resumos de literatura científica nas áreas biomédica e da saúde. Escrevi “meditação”. O resultado encontra-se no gráfico à data de 27 de Maio. São 7000 artigos publicados.

É todo um corpo de conhecimento que se considera ainda na sua fase de infância. É interessante ver que o estudo científico surge na década de 70, continua timidamente nas duas décadas seguintes e cresce exponencialmente neste milénio. Tal não será alheio, por um lado, ao desenvolvimento das neurociências e das técnicas de imagiologia médicas, e, por outro lado, ao interesse geral relativo às práticas de meditação.

EM TERMOS CIENTÍFICOS, O QUE É A MEDITAÇÃO?

A meditação pode ser definida como uma forma mental de treino cujo objetivo é melhorar as capacidades psicológicas fundamentais de um indivíduo, como a atenção e a autorregulação emocional.



A meditação engloba uma família de práticas que incluem a meditação *mindfulness*, meditação com mantras, *yoga*, *tai chi* e *chi gong*.

ESSA COISA DA MEDITAÇÃO FAZ BEM AO QUÊ?

Descobriu-se que meditar influencia o ritmo cardíaco e respiratório. E recitar, em particular, estabiliza o ritmo respiratório. Um estudo de 2001, efetuado pelo departamento de Medicina Interna de Pavia, propôs-se avaliar os efeitos da oração do terço (*Avé Maria*) e da recitação de mantras de Yoga nos ritmos cardiovasculares autónomos. Os resultados mostraram que em ambas as fórmulas os movimentos síncronos aumentam de forma impressionante nos ritmos cardiovasculares quando recitadas seis vezes por minuto.

Trocado por miúdos, fórmulas rítmicas que envolvem ciclos respiratórios numa relação de 6 por minuto induzem efeitos fisiológicos favoráveis.

Em 2017, um estudo liderado pelo mesmo autor tinha como ponto de partida as dificuldades associadas a esta área de investigação. Por exemplo, a respiração é muitas vezes direta ou indiretamente alterada durante a prática de meditação. Como é que se estudam e avaliam os efeitos da meditação na pressão arterial e na oxigenação dos tecidos se a respiração pode ser afetada?

Pela primeira vez, mostrou-se que a prática da meditação a curto prazo e de forma con-

tinuada desencadeia modificações importantes do ponto vista clínico no sistema cardiovascular e respiratório a curto e longo prazo nas pessoas que meditam. Trocado por miúdos, respira-se melhor e o coração agradece.

MEDITAÇÃO MINDFULNESS

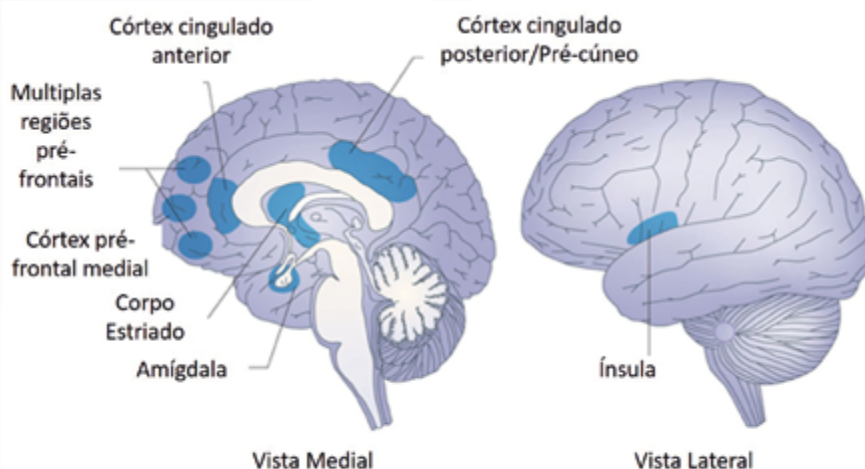
Nas últimas duas décadas, de entre estas práticas, a meditação *mindfulness*, frequentemente descrita como a atenção, sem qualquer julgamento, às experiências do momento presente, foi a que recebeu mais atenção na área da neurociência. Mais uma palavra de origem anglo-saxónica que nos entrou pela vida dentro. Até livrinhos de colorir para entreter os graúdos se inventaram. *Mindfulness* que dizer “atenção plena”.

Em termos práticos significa desligar o telemóvel e as miúdas *apps* que nos interrompem sem permissão, quando se está a lavar a loiça (no exemplo clássico do monge budista Thich Nhat Hanh), pondo toda a atenção no que estamos a fazer ou, como ouvi a um monge de

tradição cristã, “mondar cenouras é uma excelente forma de meditar”.

Uma coisa de cada vez, totalmente concentrados no que estamos a fazer. É importante dizer que a investigação da meditação *mindfulness* enfrenta muitos desafios ao nível dos métodos que se usam, o que limita a interpretação dos resultados. O tema torna-se mais controverso quando se faz a translação destes estudos para o tratamento de doenças do foro mental. Há evidências crescentes que há alterações nas propriedades estruturais e funcionais do cérebro com a prática da meditação.

Na imagem esquemática do cérebro estão representadas as regiões cerebrais envolvidas na meditação *mindfulness*: o córtex cingulado anterior e o corpo estriado no controlo da atenção, as múltiplas regiões pré-frontais, as regiões límbicas e o corpo estriado na regulação emocional, e a ínsula, o córtex pré-frontal medial, o córtex cingulado posterior e o pré-cúneo na autoconsciência.



Adaptado da Nature Reviews Neuroscience, 2015, doi:10.1038/nrn3916

Ainda estão por descobrir quais são os mecanismos que suportam estas alterações. É possível que seja por crescimento dendrítico, sinaptogênese, mielinogênese ou até neurogênese adulta. Ou ainda, é possível que a meditação *mindfulness* afete a regulação do sistema autônomo e a atividade do sistema imunitário, o que leva a uma preservação neuronal, recuperação ou inibição da apoptose – a morte celular programada. Até ao momento sabe-se que as técnicas de *mindfulness* são muito eficientes na redução do *stress* e que é possível que tal redução possa mediar alterações no cérebro. Quem sabe, até uma combinação das duas!

E ISSO DA MEDITAÇÃO NÃO É SÓ PARA CIENTISTAS ESTUDAREM OU PARA AQUELES QUE PASSAM O DIA TODO A REZAR?

Se tudo isto parecer muito afastado do nosso dia-a-dia, pensemos, por exemplo, na oração do terço. Lembro-me de nas férias, ver a minha avó materna rezar o terço, do toque do sino “às avé-marias”, de acender a luz do Santíssimo, ou ainda de ao final da tarde na aldeia do meu pai juntarem-se umas poucas de pessoas na casa de outra para rezarem o terço ao som da Renascença. Certamente que as minhas memórias fazem eco na de muitas outras... e cá para os lados científicos, certamente, ainda há muito a descobrir.



Kim En Joong, Sem título, 2000, Óleo sobre tela, Coleção Museu Irlandês de Arte Moderna, Doação, IBRC, 2011

2. Uma boa notícia dirigida a todos

A presença de Deus em nós não é uma realidade teórica. O Novo Testamento é percorrido pela boa notícia de que, na Ressurreição de Jesus, o véu do templo que separava a humanidade do Santo dos Santos se rasgou de alto a baixo, abrindo o acesso à comunhão divina.

A presença de Deus no nosso ser mais profundo é uma presença de Amor, pois Deus é Amor (1 Jo 4, 5). Tal significa que o mistério de Deus que nos habita e atravessa não se confunde com as vozes que levamos dentro de nós, vozes de medo, de juízo, de remorso, de sermos traídos na nossa confiança. A presença vivificante de Deus torna-se uma energia vivificante, renovadora, sanadora, capaz de iluminar com a luz pascal as escuridões dos nossos sepulcros. Tal é o mistério de fé que subjaz na difícil e bela arte da meditação cristã.



Foto: James Coleman | Unsplash.

latos longínquos de um tempo outro, da noite ou da infância dos tempos – e no assistir à sua entrada em Jerusalém. Esquecemo-nos de que o Espírito do Ressuscitado a todos é derramado, no batismo e na emergência de uma vida de escuta da Palavra e de busca do rosto de Deus.

UM TESTEMUNHO VINDO DO ORIENTE CRISTÃO: A ORAÇÃO DE JESUS

Entrei numa igreja e fui à missa orar. Estavam a ler uma das passagens da Epístola do Apóstolo aos Tessalonicenses, que dizia: “Orai sem cessar” (1Ts 5, 17). Estas palavras fixaram-se no meu cérebro e comecei a pensar: como podemos nós orar sem cessar, se precisamos de ter outras ocupações para assegurarmos a nossa sobrevivência?

Relatos de um Peregrino Russo

Trata-se de uma fé que não se demonstra ou impõe, como também não se assume fácil ou rapidamente com um entusiasmo ou uma adesão fugazes.

No seu coração vive um paradoxo não comum com a nossa mentalidade habitual, um paradoxo que nos leva a estranhar ou a rejeitar como inútil ou absurdo o gesto de dedicar uns minutos ao silêncio, à leitura orante atenta de uma passagem dos Evangelhos ou à recitação de um salmo... O mistério da oração pode estar adormecido em nós devido à falta de uma iniciação ou do exemplo de uma testemunha com experiência. Mas está adormecido, não ausente, graças ao batismo como união com o Ressuscitado.

E nunca é tarde para nele adentrarmos: os trabalhadores da vinha, independentemente da hora a que chegam, têm, na parábola evangélica, à sua espera o mesmo dom, o único dom.

Quando falamos da difícil e quotidiana tarefa de meditar, a primeira dificuldade que costumamos referir é a da falta de tempo, dos ritmos exigentes da nossa vida e das constantes preocupações. Mas pode nem ser este o principal obstáculo. A um nível mais profundo e interior, talvez inconsciente, pode habitar em nós a convicção de que não somos dignos, não somos chamados a essa vocação. Ao invés, o nosso lugar seria na escuta do ensinamento de Jesus e da sua moral, na admiração dos seus milagres e sinais – re-

Do Oriente cristão vem-nos uma sabedoria milenar que transporta a arte da meditação para o coração da vida evangélica. Trata-se da chamada *Oração de Jesus*, também conhecida como *Oração do Coração*. Esta tradição é-nos dada a conhecer fundamentalmente através de duas obras já publicadas em Portugal: os *Relatos de um Peregrino Russo* e a *Filocalia*, que significa “amor da beleza”. A *Filocalia* é uma coleção de textos, organizada no século XVII, que reúne ensinamentos sobre a Oração do Coração desde os primeiros séculos do cristianismo, a partir do chamado pai dos monges do deserto, Santo Antão. Os Relatos surgiram no século XIX, no contexto da Rússia rural, e rapidamente tiveram uma grande difusão.

“A oração, por si própria, passava para o coração, isto é, o coração no seu próprio ritmo, lá no seu interior, começou como que a dizer as palavras da oração” (Relatos, p. 49). A Oração de Jesus consiste na repetição, interior e silenciosa, de uma fórmula evangélica; a mais comum é a prece que o Cego de Jericó dirige a Jesus, gritando-a e repetindo-a apesar dos ordens para se calar: “Jesus, Filho de David, tem misericórdia de mim!” (Lc 18, 38). A fórmula pode ter sensíveis variações, consistindo sempre em breves e diretas fórmulas bíblicas (o correspondente ao mantra da tradição *sankritt* indiana). A constante repetição desta fórmula ao longo do dia, no meio das múltiplas tarefas e atividades, corresponde à procura da “oração permanente”. Ao final de um certo tempo e com o acompanhamento de um mestre espiritual, a repetição da fórmula torna-se algo que transita da consciência mental para algo inconsciente, do coração.

Oriunda dos primeiros monges do deserto, a tradição da *Oração de Jesus* permaneceu nos grandes mosteiros do Sinai e do Monte Atos (Grécia), até ter adquirido grande popularidade no mundo ortodoxo do século XIX. Trata-se de uma tradição que foi ao encontro da piedade popular, dos grupos de devotos com menos formação, pela sua simplicidade. No seu interior reside uma beleza imensurável.

Esta tradição cristã secular de meditação encontra uma inspiração fundamental na figu-

ra evangélica de um cobrador de impostos, alguém que seria considerado hoje, no mínimo, como um “não-praticante”, por contraponto ao fariseu (Lc 18, 9-14).

A oração do fariseu é prolixa em palavras, numa aparente ação de graças cujo sentido é pervertido, pois realça uma ilusória bondade pessoal e não os dons e graças recebidos de Deus. A oração do publicano sintetiza-se numa breve fórmula: “Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador”. Uma fórmula que quase acompanha, podemos imaginar, o ritmo da respiração: “Ó Deus, tem piedade de mim... que sou pecador”.

Não há espaço nem lugar para extensas reflexões sobre o mistério divino, sobre as normas e objetivos morais a alcançar, sobre as possíveis razões e justificações dos comportamentos que tivemos. Diante de Deus não há necessidade – como poderá haver diante dos que nos são próximos – de nos justificarmos. A justiça vem de Deus, é a grande proclamação de Paulo. A tradição da *Oração de Jesus* verá nesta fórmula, breve e densa, o segredo para a meditação. Mas há espaço para que o crente – preferencialmente em diálogo com alguém mais experiente – encontre outra fórmula que o ajude a fazer “passar” a meditação da mente para o coração, dos pensamentos para a respiração. “*Abbá, Pai*”, “*Maranathá*, vem Senhor Jesus” ou “Senhor, socorrei-me e salvai-me” são alguns exemplos entre os vários que a história nos oferece.

É no acolhimento de um perdão e de uma graça que esta fórmula ecoa do nosso íntimo. Por detrás está a descoberta de que em Deus está uma permanente e inesgotável fonte de graça, derramada em nós na Ressurreição de Jesus. Poderá estar, também, a experiência de uma história marcada pelo sofrimento e pela angústia.

A oração do publicano é uma oração de agradecimento, também: Deus tem piedade, Deus debruça-se como o Samaritano junto do Homem ferido à beira da estrada. No silêncio e na gratuidade da meditação, na recitação desta ou de outra fórmula ou na brevidade de uma prece, condensa-se a história da salvação, na qual somos envolvidos como num ventre materno. À luz da fé, tal não consiste numa ilusão. A meditação é a consciência, em todo o nosso ser, desta boa-notícia.

“DEUS, QUE VÊ O OCULTO, TE RECOMPENSARÁ” (Mt 6, 5-8)

A tradição bíblica conhece a oração comunitária, expressa em lugares, palavras e símbolos como o templo, a sinagoga ou os salmos. É no contexto da liturgia que se escutam e aprofundam as Escrituras, como o próprio Jesus fez (Lc 4, 16-21). No entanto, a participação na liturgia pode tornar-se apenas um ritualismo ou uma distante devoção ou pertença social, ausentes do dia-a-dia, se não caminhar com uma vida de oração pessoal.



Pode até acontecer – como pudemos experimentar recentemente – não encontrar a possibilidade de celebrar ou rezar em comunidade; se não existir um caminho de oração pessoal, torna-se mais difícil para o crente reconhecer, agradecer e frutificar os sinais do Espírito sempre presentes na nossa vida.

O hábito e os passos da meditação cristã dão-se sempre no quarto mais íntimo e pessoal do crente.

Pedem um ambiente de silêncio e atenção, desligado dos estímulos tecnológicos, durante os minutos que a pessoa se concede. Há uma pausa nas tarefas. Reconhece-se a presença de Deus, uma presença que não é de controlo, de julgamento ou de condenação – não confundir com o nosso superego! Não se trata de buscar sensações, emoções ou intuições: se surgirem, tudo bem, mas se não surgirem, tudo bem também! Aliás, o mais provável é que não surjam. Também não haverá resultados, sejam comuns ou extraordinários, como mudanças espetaculares na maneira de ser e de agir. Trata-se de um espaço e de um tempo que só Deus vê.

Não obstante ser um momento pessoal, a meditação abre-se necessariamente àqueles com quem convivemos ou a quem temos presentes. Pode ter lugar, neste espaço, uma prece por alguém, o recordar com gratidão um encontro passado ou o pedido de perdão, seja do outro, seja da nossa parte. “Rezai uns pelos outros, para vossa salvação” (Tg 5, 16).

Uma pessoa já nonagenária, fiel à oração quotidiana do terço feita de um modo pausado e meditativo, partilhava que, na oração, se recordava todos os dias dos seus entes queridos, filhos, netos e bisnetos (sobretudo das suas dificuldades), e de todos aqueles que já partiram para a casa do Pai.

A meditação tem lugar também na atenção aos pensamentos e sentimentos.

Os monges ortodoxos da tradição da *Oração de Jesus* falam frequentemente da guarda do coração, para que nele não entrem a tristeza, o ressentimento, o desânimo ou o medo (ou, pelo menos, nele não permaneçam).

Num momento de oração e silêncio, a nossa mente povoar-se-á de pensamentos, desde as tarefas a cumprir até ao vizinho que não controla os seus animais domésticos. Tudo isso faz parte. Não deixemos que tais preocupações nos afastem da nossa meditação, e regressemos à nossa fórmula.

Finalmente, a meditação desenrola-se também durante toda a jornada, na atenção ao que estamos a viver.

A distração e uma mentalidade de “quanto mais melhor” levam-nos a desempenhar as nossas tarefas em constante *stress*.

Uma atitude meditativa, guiada pela fórmula ou por uma breve passagem evangélica, pode ajudar-nos a viver com mais atenção e serenidade o que nos é pedido fazer.

PISTAS E SUGESTÕES

A tradição cristã é riquíssima e pluriforme quanto aos caminhos de oração pessoal. A liturgia – os sacramentos, a liturgia das horas, as celebrações comunitárias – criam uma matriz, um apoio e um sustento na vida do batizado. Os caminhos que este encontra para a sua oração pessoal dependem muito da sua história pessoal, da cultura, da iniciação religiosa que recebeu.

Habitualmente falamos de meditação como uma atividade em si, ao lado de outras práticas. Tal é o caminho da *Oração de Jesus*, que pede tempos próprios – cerca de dez a vinte minutos, duas vezes por dia – para a busca do silêncio e da paz de coração através da recitação da fórmula. Há grupos organizados que podem ajudar neste caminho. Mas é possível também falar de uma atitude meditativa em outras práticas de oração para os quais o crente se inclina, ou seja, viver essas práticas no espírito da atenção, do silêncio e do encontro.

A oração do terço pertence ao nosso património espiritual, constituindo um apoio e um sentido para tantas gerações que viveram tempos de dificuldades que hoje nos parecem inacreditáveis: fome, trabalho extremo, doença. A lenta e silenciosa repetição da *Avé-maria*, sem a preocupação da pressa, pode introduzir a mente e o coração na presença real e discreta do Senhor, na mediação da sua Mãe. Também a entrada numa igreja ou capela (hoje, infelizmente, sempre encerradas), a visita ao Santíssimo, podem ser o sinal desta vivência orante.

O encontro diário com as Escrituras, sobretudo os Evangelhos, é uma fonte de beleza e de sentido. Pode-se seguir a liturgia diária da Igreja, através dos subsídios publicados, ou optar pela leitura contínua do Novo Testamento, com breves passagens. A leitura e o acolhimento da Palavra, na Igreja, não está reservada a uma elite de especialistas: Jesus proclamou o Sermão da Montanha e as parábolas a todos os que O escutavam,

e Paulo escreveu as suas cartas aos soldados, escravos, padeiros e comerciantes das comunidades cristãs que formou ou visitou, em Roma, Éfeso ou Corinto. A leitura meditativa de uma passagem evangélica, num momento de silêncio e solidão, abre-nos a uma presença viva, e pode reter-nos nos lábios e na memória breves fórmulas a rezar, mesmo que por vezes o seu sentido não seja óbvio – poderá sê-lo mais tarde. Também a leitura meditada de um salmo, com as suas preces tão próximas das nossas, pode ser um precioso auxílio.

Seja qual for a prática (ou práticas) da meditação, são importantes os critérios da fidelidade diária, do silêncio liberto de estímulos, da pausa nas tarefas, do carácter pessoal e oculto (ainda que, pontual ou regularmente, no espaço de um grupo orante). Também o corpo faz parte da oração, numa posição estável, num lento caminhar pela natureza ou nos gestos do orante. Em qualquer prática, a oração do Pai-nosso, com toda a carga simbólica de ter sido ensinada pelo Senhor, pode, rezada lenta e sentidamente, iniciar ou concluir o momento meditativo. E não esperar pelo extraordinário, pelos resultados, pelas mudanças ou pelas graças concedidas, nem desanimar com as dificuldades ou os sentimentos de inutilidade e de vazio: aí reside a vigilância, na paciência, confiança e esperança, como o servo que, de noite, espera pela aurora da chegada do seu Senhor... ■



Foto: Christian Joudrey | Unsplash



Orações a Santo António

Meu querido Santo António, venho lhe pedir que me arranhe um namorado que me ame, me dê valor, que seja verdadeiro e que saiba o que quer! Estou cansada de sofrer por quem não merece e quero pedir sua bênção para conseguir um homem bom! Quero construir uma família e casar, que é o meu sonho, só que já estou com quase 30 anos. Me ajuda, Santo António, por favor! Obrigada! Tatiene

Osanto milagroso e misericordioso, me conceda a oportunidade de viver um amor de verdade, abençoado, que meu amor venha de coração aberto, que compreenda as minhas necessidades e eu o compreenda para que possamos nos completar e juntos construir uma vida com muito amor. Marcela

Querido Santo António, há tantos anos que ansiava vir à tua igreja, só que não sabia onde era. Hoje vós me guiastes e com lágrimas no olhos vos agradeço do fundo do coração as imensas graças que me tendes concedido. Estou tão feliz!!! Obrigada, obrigada, obrigada! Regina

Querido Santo António, agradeço todas as graças por vós concedidas. Olha pela minha família, marido e filhos. Traz paz, harmonia, saúde, prosperidade para todos nós. Bem-haja por todas as coisas por nós obtidas.

Querido Santo Antonio, te pido que intercedes ante Dios para que sea pronto el transplante de rinon de MJ, e que gracias a tu gran misericordia atraves de nuestro amado Dios el rinom funcione perfectamente para regalarle muchisimos anos de vida en salud, amor y paz. Ámen!

Querido Santo António, neste dia em que o Pai celeste te chamou, agradeço a tua proteção na minha vida. Te peço por todos os que procuram a luz no mundo e não a encontram. Conduz as nossas almas sempre no caminho do Pai ao céu. Ámen! Joana

Meu glorioso Santo António, quero agradecer-vos por tudo. Peço-vos por todos os que sofrem, pelas mães que perderam seus filhos, pelas famílias que perderam seus entes por causa da pandemia, pelos que estão no hospital; por nossos médicos e enfermeiros, pelos coveiros, pelos cientistas que procuram a vacina da cura. E peço por todos nós para que aprendamos mais com tudo isso, que nos tornemos pessoas melhores, com corações humildes e mansos, que sejamos amáveis com os outros. Santo António, intercedei por nós junto a Jesus que ele tenha misericórdia de todos. Ámen. Iara

Querido amigo Santo António, nunca me faltaste nas minhas preces. Agradeço-te de todo o meu coração, porque és um santo mui-

to bondoso. Alcançaste a graça de ter em teus braços o Deus menino e, agora que estás junto dEle, segreda-lhe aos ouvidos esta prece: Jesus misericordioso, a humanidade está em perigo, refém de um vírus que não dá tréguas e já ceifou muitas vidas. Os mais vulneráveis: idosos com patologias crônicas (como eu que já tenho 84 anos) vivem isolados dos familiares e sofrem de ansiedade e solidão. Jesus estende as tuas divinas mãos e abençoa a pobre humanidade. No responso que rezo cotidianamente eu digo: “todos os males humanos se moderam, se retiram. Pela tua intercessão foge a peste, o erro, a morte”. Por isso, querido Santo António, eu confio em ti. Maria José

Meu querido Santo António, quero pedir-te que acompanhes o mundo nesta altura tão difícil. A nós cá por casa não nos abandones, permite que o meu marido possa manter o trabalho dele e que eu consiga manter o meu, que, nesta altura e com esta conjuntura, nos faz manter a cabeça à tona, com muito mais dificuldade, mas menos mal. Permite que esta conjuntura passe rapidamente e possamos sair deste pesadelo, mais unidos, mais conscientes, mais fortalecidos e mais amigos. Precisamos do nosso modo de vida, protege-nos. Obrigada. Maria ■



Jovens...

e os santos da *Christus Vivit*

5. Santa Catarina Tekakwitha

Luís Leal

Já sabemos que a santidade, mais do que um “prémio” reservado para alguns/algumas, é a primeira e radical “vocação” (chamamento, destino, propósito) que todos somos chamados a abraçar, independentemente do local, época, raça ou contexto em que nascemos e vivemos. Ora, a vida e testemunho de Santa Kateri (Catarina) Tekakwitha é mais um exemplo disto mesmo.

Kateri, a primeira índia nativa americana a ser canonizada (21.10.2012, por Bento XVI), nasceu em 1656, na aldeia Mohawk de Ossernenon (atual comunidade de Auriesville, da cidade de Glen – estado de Nova Iorque). O seu pai era da tribo Mohawk e sua mãe, cristã, era da tribo Algonquin, tendo sido ela a responsável pela sua primeira educação na fé. Aos 4 anos de idade, Kateri vê seus pais e irmão morrerem de varíola. Tendo sobrevivido à doença, não escapou às suas marcas: o seu rosto ficou desfigurado e a sua visão fortemente comprometida, a tal ponto que lhe valeu uma nova alcunha: “Tekakwitha”, ou seja, “aquela que esbarra nas coisas”. Órfã e completamente só, é acolhida por seu tio (profundamente anti-cristão). Quando tinha 10 anos, foi forçada a deixar a sua terra, pois esta havia sido arrasada numa guerra que envolveu soldados franceses e nativos do Canadá hostis à presença da sua tribo na margem sul do Rio Mohawk. Forçada a fugir para a margem norte, viveu a partir de então (e

durante 10 anos) em Caughnawaga (onde hoje se ergue um santuário em sua memória – ver <https://www.katerishrine.com/>). Aos 18, decidiu frequentar, em segredo, a catequese. Tendo sido descoberta, e apesar da autorização concedida pelo seu tio (com a condição de ela nunca abandonar a sua aldeia indígena), acabou por ser ridicularizada e desprezada pela sua comunidade. Foi alvo de acusações e mesmo de ameaças, mas nada a moveu de ser batizada aos 20 anos de idade, na Capela de São Pedro, de outro Santuário que atualmente lhe é dedicado, na cidade de Fonda. Dois anos depois, e sentindo-se cada vez mais em risco, acaba por fugir para a “Missão S. Francisco Xavier”, uma comunidade de nativos cristãos situada na vila de Caughnawaga (Kahnawake), no Quebec - Canadá. Gozando finalmente de alguma paz e tranquilidade, a sua gentileza, bondade e sentido de humor puderam então manifestar-se, ao mesmo tempo que ia dando passos muito firmes na sua crescente fé. Faz a sua Primeira Comunhão no dia de Natal de 1677 e, dois anos depois, na Festa da Anunciação, faz um voto de virgindade perpétua. A sua vida transforma-se numa total dedicação às crianças (catequese) e ao auxílio dos idosos e doentes. A frequência da Eucaristia diária e a sua devoção ao Santíssimo Sacramento e à Cruz de Jesus eram por todos reconhecidas.

Faleceu a 17 de abril de 1680, aos 23 anos de idade. Algumas testemunhas afirmam que, pouco antes de morrer, as marcas de varíola desapareceram completamente da sua face e que o seu rosto até brilhou com uma beleza radiante. A Tradição regista que as suas palavras ao morrer foram “Jesus, eu amo-Te!”.

Atualmente, está sepultada na reserva indígena de Kahnawake, a sul de Montreal (Quebec), sendo inspiração para muitos habitantes daquela região.

Como bem sintetizou Bento XVI na homilia da sua canonização:

Kateri impressiona-nos pela ação da graça na sua vida, carente de apoios externos, e pela firmeza na sua vocação tão particular na sua cultura. Nela, fé e cultura se enriqueceram mutuamente! Possa o seu exemplo nos ajudar a viver lá onde nos encontrarmos, sem renunciar àquilo que somos, amando a Jesus! ■

Reúna a família, façam as malas e deixem-se guiar pela curiosidade. Prontos para partir?



Circuitos Ciência Viva
21 centros



M@ve-te!



Circuitos Ciência Viva

Agora que estamos todos mais “desconfinados”, que dizes a aproveitarmos o melhor que Portugal nos tem para oferecer (e de que tanto

sentimos falta nos últimos tempos)? E se a essas (re)descobertas puderes aliar o enriquecimento dos teus “conhecimentos científicos”? Eis, pois, em resumo, o que os “Circuitos Ciência Viva” te podem proporcionar. Partindo dos 21 “Centros Ciência Viva” espalhados por todo o país, esta é uma verdadeira aventura que te vai levar não só a fazer as “experiências” que esses centros proporcionam, mas igualmente a conheceres toda a região onde estão instalados. São “18 circuitos, 54 percursos, mais de 200 etapas para explorar”, repletas de experiências (de provas gastronómicas a descidas a grutas e minas, de BTT a observação na natureza...) nos mais variados ambientes (praia, rio, montanha, aldeias tradicionais ou centros urbanos...) que poderás escolher. E tens ainda direito a descontos para a tua viagem (Bilhetes CP, combustível, alojamento, refeições) junto dos parceiros da iniciativa. Alinhas? Então vai a <https://www.circuitosciencia-viva.pt/>: tens lá todas as informações, um vídeo explicativo e até uma *app* para o teu *smartphone* para começares a planear a tua aventura!

Em julho-agosto, m@ve-te com os “Circuitos Ciência Viva”!



Biblioteca digital Camões

Não, desta vez não te venho propor um qualquer *site*/plataforma/evento *online* a que te podes “lig@r” nestes meses de julho/agosto... Porque o tempo é de “desconfinamento”, creio que nada melhor do que propor-te algumas centenas (sim, centenas!) de “bons e fiéis companheiros” de viagem para as tuas férias “minimamente normais” que possas conseguir fazer.

Como o nome indica, falo-te de uma verdadeira “biblioteca digital” onde podes encontrar (e descarregar, em pdf e de forma totalmente gratuita) livros, revistas e outros “textos e documentos de grande relevância cultural e linguística”, integralmente em português!

E os temas são tão variados que será difícil não encontrar nada de que gostes: Arte, Biografias, Cinema, História, Geografia, Ciência, Literatura,



Lig@-te!

Música, Tradições... de tudo isto (e muito mais!) podes encontrar livros, estudos, teses, textos, e até partituras...

É um verdadeiro oceano de informação onde podes mergulhar “de cabeça”! Basta que acedas ao site <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes.html>, escolhas as categorias de pesquisa e descarregues os livros/documentos que sejam do teu interesse!

Já sabes: nestas férias, prepara a tua “mochila virtual” e **lig@-te** à boa literatura (de graça, e em português)!

Quem não dá o salto

Fabio Scarsato

Ilustração: Luca Salvagno

Certo dia, o discípulo perguntou ao mestre: “Meu Pai, qual é o caminho para a perfeição?” O velho monge, com a sabedoria solitária do deserto, feita de visões angélicas e de lutas contra o demónio, respondeu-lhe: “Mas quando é que entenderás que não há um caminho? Pois, o caminho interrompe-se abruptamente e diante de nós abre-se um abismo: então a única solução é saltar! Este é o “caminho”.

António é um jovem que luta para que tudo lhe saia bem, para que a contabilidade do deve e do haver bata certo e a longa e, por vezes difícil, equação existencial apresente um resultado arredondado sem casas decimais.

Como se as metas da nossa vida fossem o resultado óbvio e evidente das nossas previsões e do nosso esforço. Como se “1+1” tivesse que dar sempre “2”, mesmo nos assuntos do Espírito e ainda mais no discernimento vocacional. Por exemplo, não é verdade, como canta o Salmo 125, que podemos ir a chorar, levando a semente para ser lançada e, no regresso, voltarmos com alegria, trazendo nos braços os molhos de espigas, que recolhem os nossos frutos, finalmente alcançados?!

Mas os jovens são assim: basta pouco, desde que seja grandioso, verdadeiro e, pelo menos aparentemente, definitivo e não necessariamente realizável, para os inflamar.



não é santo

A juventude leva
a escolhas radicais,
sendo habitada
por grandes desejos
e paixões.

Foi o que aconteceu a
António que, aos 25 anos,
decidiu morrer mártir.

As escolhas precipitadas dos 25 anos, são próprias dos 25 anos: quando somos habitados por grandes desejos e ainda maiores paixões.

O poeta Rilke escreveu-o muito bem, numa carta de 14 de abril de 1914:

Pergunto-me muitas vezes se a satisfação tem a ver com o desejo. Sim, se o desejo é fraco é como se bastasse satisfazer apenas uma parte para o resto se tornar autónomo. Mas os desejos podem também ser uma coisa singular, completa e saudável que não precisa de mais nada para crescer, formar-se e completar-se. Às vezes podemos pensar que foi esta a causa da grandeza e da intensidade de uma vida que se desenvolveu com base em grandes desejos que empurravam de dentro para fora, ação após ação, causa após causa, esquecendo que tais desejos foram projetados e transformados, como a água tempestuosa que ao cair, se transforma em obras e simpatia, em coragem ardente.

Sim, estes são os jovens.

E António é, de facto, um destes jovens. A notícia do martírio dos cinco Frades Menores em Marrocos, que chega a Coimbra pouco tempo antes de chegarem as suas relíquias; a radicalidade imprudente do seu testemunho de fé, descurando as consequências

futuras; o “agir” deles em contraposição ao seu “saber”; a sua coragem sobre-humana, como verdadeiros super-heróis; o invejável trágico “desfecho” desse evento; tudo isto incendeia o coração e a mente de António. E fá-lo decidir pelo martírio: a paixão dos mártires de Marrocos (*passio*, em latim, é o relato da morte de um mártir), torna-se literalmente a sua paixão, o seu grande desejo.

SEM “SE”, NEM “MAS”, TAMBÉM ELE MORRERÁ PELO EVANGELHO!

“Deixa o céu em paz, / se decidiste viver / com os olhos fechados” (Michail Kuz'min), mas António quer viver de olhos bem abertos.

Ele está disposto, na sua inconsciência juvenil, não só a não deixar o céu em paz, mas a... tentá-lo!

Não importa que o martírio procurado a todo o custo e a pretensão absurda de dispor da própria vida, não sejam, de facto, atitudes verdadeiramente franciscanas: a energia, segundo o primeiro princípio da termodinâmica, não se cria nem se destrói, mas transforma-se. Com esta carga de energia pode ousar dar... o salto ■



Como, onde, quando, se e porquê

Gilberto Borghi e Chiara Gatti

As palavras de uma canção sobre a recente pandemia apontam um caminho que prevê também a possibilidade radical de falhar, de morrer, mas não de fingir.

E os jovens? Alguém disse que pertencem aos grandes esquecidos do corona vírus. Um deles, um jovem cantor e compositor, Francesco D'Angelo, na canção *Estes dias* torna-se o porta-voz corajoso da sua geração:

*Estes dias tão diferentes, tão absurdos e estranhos
entraram de improviso na nossa vida
sem pedir licença, sem aviso, como um ladrão de noite,
vieram perturbar as nossas certezas e seguranças,
roubar a alegria do convívio, de um copo,
de uma saída com os amigos, onde vamos esta noite?
Nestes dias estamos todos em prisão domiciliária,
desnudados dos nossos sentimentos:
Ei!... Que desculpa tens agora?*

A percepção que transparece é a de um roubo da vida, vida que os jovens normalmente vivem fora de casa, na sua forma de se encontrarem, nas suas relações significativas de amizades e laços sentimentais. De repente, este inimigo invisível roubou-nos a certeza de um copo à noite, de um jogo de matraquilhos com os amigos, de uma saída em que perguntamos “onde vamos, hoje?”.

E assim estes estranhos “dias de confinamento” levaram os jovens a sentirem-se nus e a ter de refletir no estranho berço familiar para onde foram enxtados... Mas é preciso saltar fora desse berço, ver-

da-dei-ro ou imaginário, desnudados dos velhos e seguros sentimentos para o despertar inseguro de novos sentimentos, próprios de quem está a crescer e a libertar-se. São muitas as emoções e quantas não ficam sufocadas.

E a canção continua:

*Estes dias curiosos põem-nos em crise,
levantam perguntas sobre o sentido das coisas,*



*o sentido sobre o que está certo e o que está errado.
Estes dias, como a neve quando se derrete,
permitem-nos ver o que estava escondido
nem sempre belo de se ver.
Estes dias que nos tornam iguais: “biológica democracia”
não importa se és rico, famoso, importante, poderoso
nada importa!
São dias para esquecer ou lembrar
depende do nosso olhar e do nosso pensar
no “como”, no “onde”, no “se”
e sobretudo no “porque”.*

São dias feitos de propósito para “nos colocar em crise”, canta Francesco D’Angelo, para nos perguntarmos o significado das coisas que devem ser procuradas em palavras simples, mas fundantes: “como”, “onde”, “quando”, “se” e, sobretudo, “porque”. É preciso encontrar o fio da meada de uma narrativa, a narrativa que flui sobre os porquês da própria vida, que mede as alternativas, que procura modalidades passadas, lugares e tempos vividos ou sonhados. Então, surge a imagem de uma paisagem coberta de neve branca e imaculada, que ao derreter, põe a nu as imperfeições e o lixo acumulado. Assim é a vida de cada um de nós, mas sobretudo do jovem que ainda não sabe explicar certos nós do seu passado, mas descobre que também aí deve haver um sentido e quer mergulhar nele para se tornar cada vez mais ele próprio, protagonista da sua história. E como em qualquer história verdadeira, o final feliz não está garantido, porque nestes dias de “democracia biológica”, em que todos somos igualmente confrontados com nós mesmos, não é um dado adquirido que tenhamos encontrado um sentido para esta história, por isso há que continuar à procura, aberto a tudo.

*Estes dias que nos revelam quem somos
que significado temos
se é que a vida tem algum sentido...*

E uma grande pergunta ecoa ao coração destes jovens, homens de amanhã:
*Será a terra mãe ou escrava,
vale mais o dinheiro ou a verdade?*

A canção não dá respostas, mas afirma:
Quão errado é dar tudo por garantido!

Juntamente com Greta Thunberg e todos os jovens do movimento *Fridays for future*, pergunta sobre o caminho em que assentará o amanhã, pergunta se a lição de uma natureza, que se revolta violentamente contra tantas violências sofridas, foi realmente entendida. E coloca-se de novo a questão do poeta Leopardi e de cada homem:

A Natureza é Mãe ou Madrasta?

Se, de facto, é escrava das leis humanas do dinheiro e do poder, um dia transformar-se-á inevitavelmente numa madrasta vingativa.

Ou, então, lembremos o que São Francisco escreveu na Cântico das Criaturas e que o psicoterapeuta Frei Giovanni Salonia tão bem sublinha:

*E se aquele que chamou as criaturas de “irmão”, “irmã”
tiver razão? Ele próprio nos advertiu: a mãe terra nos sustenta e nos “governa”. Alimenta-nos, mas temos de lhe obedecer. Devemos obedecer à Terra. Este pode ser um tempo de aprendizagem.*

Então, uma maravilhosa confirmação desponha nas rimas desta canção de um jovem que fala para outros jovens:

*Saibamos reagir!
Nestes dias em que a vida defronta a morte.
E a morte defronta a vida:
será que tudo acaba, ou não?*

Há um último e grande salto que o crescimento te obriga a fazer, graças aos tempos de crise que aceleram este crescimento, quando vividos em plenitude: é o salto para aprender a lidar com a possibilidade radical do fracasso; fomos todos confrontados sem meias tintas com a morte, algo que contrasta com a natural despreocupação dos jovens.

*E uma vez guardada a máscara
voltaremos a colocar a máscara de sempre?*

Isso, os jovens não vão tolerar. ■

Livros

Rui Pedro Vasconcelos

LEITURA DO TEMPO EM QUE VAMOS

No deserto de ruídos em que vivemos, é possível ver surgirem vozes de pensamento e de sabedoria sobre o que nos rodeia e nos habita. As páginas deste livro constituem uma dessas vozes. Cabe-nos escutá-la.

Biblista já conhecido entre nós, o bispo António Couto oferece-nos nestas páginas o encontro entre a sabedoria bíblica, o pensamento filosófico de inspiração humanista que percorreu o século XX e a falta de horizontes e de compaixão que marca os nossos dias, herdeiros de uma razão fechada em si mesma no sujeito individual, que pensa em si e a partir de si. Com destaque para o filósofo judeu Levinas, o autor dialoga com as pistas do Deus bíblico de graça e de luz geradora, que rompe os nossos ouvidos e olhos fechados para o próximo que nos interpela, fazendo-nos descobrir o seu rosto através da hospitalidade. Tudo se decide na escuta de uma Palavra de esperança, de uma narrativa de responsabilidade, da liberdade gerada pelos apelos que habitam a nossa vida. Páginas densas, trabalhadas ao longo de anos povoados por leituras e encontros: um exercício de teologia bíblica, unido ao desejo quase maternal de transmitir algo de precioso a um tu que é o leitor.

Deus entra-nos pela casa adentro, sem bater à porta e sem pedir licença, e elege-nos, sem previamente nos ouvir, marca-nos com uma eleição que não prescreve nunca, confia-nos uma missão que não podemos rescindir, entrega-nos um Amor a que não nos podemos subtrair, dado que o outro por quem sou responsável, o amado, é, para o “eu”, único no mundo. Na verdade, compete-nos viver o dia-a-dia, saboreando e respondendo a Deus e ao pró-

ximo mais próximo com um amor imenso e intenso, uma liberdade dada, recebida e agradecida.



Autor
António Couto
Edição
Aletheia
Páginas
140

CONHECER OS MÍSTICOS

A tradição espiritual cristã, radicada na Boa-notícia gerada pelo Novo Testamento, permanece ainda um continente a explorar para muitos dos discípulos de Jesus. A expressão *mística* contém uma carga associada que não ajuda a visitar o seu espaço: associamo-la a uma elite privilegiada, a fenómenos extraordinários, a vidas desligadas dos ritmos e horários modernos.

Neste sentido, a obra *Conhecer os Místicos* do jesuíta irlandês Brendan Comerford constitui um precioso auxílio. No total, são 22 personagens da história da Igreja que o autor apresenta, com uma linguagem acessível e coloquial, dando a conhecer traços biográficos e pérolas da experiência cristã. Figuras que vêm desde as origens – Orígenes, Agostinho –, passando pelas Idades Média e Moderna – S. Bernardo, Teresa de Ávila – até ao século XX, como Dorothy Day e Pedro Arrupe. O leitor fará uma viagem fascinante com homens e mulheres que, nas difíceis coordenadas do contexto em que viveram, não deixaram de perscrutar os sinais e passagens da Aliança de Deus com a humanidade, através da única paisagem que podiam narrar: a sua carne, a sua própria história, a sua vida. Um livro que convida à beleza.

Os místicos são pioneiros que exploram as fronteiras e limites do que é ser humano. Eles são exploradores da interioridade e mostram-nos o possível. Os místicos, com a sua visão noturna aprenderam a espreitar a escuridão divina de modo suficientemente longo e árduo para verem um mundo encharcado de Deus, vertiginoso na sua beleza. Eles lembram-nos que também temos olhos para ver essas frágeis, efémeras belezas nas quais gotas de orvalho

brilham como safiras por alguns momentos fugidios à luz quebrada do amanhecer, quando a maior parte de nós dorme rotineiramente. ■



Autor
Brendan Comerford, sj
Edição
Apostolado da Oração
Páginas
144



Portrait de la Jeune Fille en Feu
de Céline Sciamma,
Drama, M/12, França, 2019.

Pe. Manuel Monteiro Mendes

Passada a quarentena, foi este o primeiro filme que vi em sala, de máscara como manda a lei: *Retrato da Rapariga em Chamas*.

É um filme magnificamente feminino que coloca ao espectador – talvez ainda mais ao espectador crente – algumas questões que dão que pensar. Penso que não é um filme ideológico a fazer a apologia da homossexualidade feminina ou do aborto, mas um retrato sofrido, sobretudo das ‘três protagonistas’.

Tirando aqueles que levam o barco e um deles que vai buscar as coisas já no fim, os homens estão fisicamente ausentes do filme, se bem que a sua sombra esteja sempre presente. Está ‘presente’ aquele que a mãe deseja para casar com a filha, Héloïse; está ‘presente’ aquele que engravidou Sophie, a criada da casa; está ‘presente’ o pai de Marianne, um pintor reconhecido e ao nome do qual ela vai ‘recorrer’ para conseguir expor o seu quadro de Orfeu e Euridice.

De facto, Marianne é uma pintora, contratada para fazer o retrato de Héloïse. É já uma segunda tentativa, uma vez que o primeiro pintor não tinha sido capaz de a pintar, já que ela se recusava a posar. A sua irmã mais velha, que ia casar, tinha-se suicidado, e Héloïse teve de deixar o mosteiro onde estava para aceitar, contrariada, esse casamento no lugar da irmã. Para a mãe, viúva, esse casamento era obrigatório, certamente para garantir o futuro sustento e situação social.

Marianne chega então, de barco, à ilha. E chega à casa onde é recebida por Sophie que lhe indica o ‘quarto’ onde vai ficar, de maneira quase mecânica. A casa parece desabitada. Só ao outro dia conheceremos a mãe e, mais tarde, a que há-de ser retratada. Marianne tem uma tarefa difícilíssima. Uma vez que Héloïse se recusa a

posar, ela tem de fazer de conta que é apenas uma dama de companhia, ao mesmo tempo que tem de ir fixando as suas feições para tentar, à noite em segredo, fazer o retrato.

Desde cedo se percebe a cumplicidade e confiança – afinal, o amor – que vai crescendo entre as duas mulheres. Por isso, o filme é um caminho acidentado de desvelação de cada uma delas. As duas vão acabar por ajudarem-se a encontrar o seu ‘destino’: Héloïse casará e terá mesmo uma filha, e Marianne verá um seu quadro exposto numa grande exposição, reconhecida no seu talento, ainda que tenha de usar o nome do pai. Estamos em França, no século XVIII, antes da Revolução, e as mulheres pintoras ainda não podiam tratar certos temas nem eram reconhecidas.

Uma personagem importante é também a criada Sophie que é como que o terceiro vértice do triângulo de amor, amizade, cumplicidade, alegria e solidariedade feminina – sororidade – que se vai desenhar naquela casa e naquelas vidas. E quando Sophie precisar de recorrer a uma mulher para abortar, Héloïse e Marianne estarão ao seu lado para a acompanhar. E sendo um momento de morte, essa cena, intensa e forte, é também uma metáfora poderosa a lembrar-nos como uma mãe deseja sempre a vida.

Não sei se é um filme ‘recomendável’. Repito apenas que é um filme magnificamente feminino, a começar pela realizadora – Céline Sciamma – que não esconde esse seu olhar e nos dá a ver um filme luminoso, íntimo, sereno, aceso pelo desejo – desejo puro e sem convenções, que também quer desmascarar preconceitos que secundarizam e objectificam a mulher. papéis completamente diferente. Um filme cheio de subtilezas. ■



Bodas de prata sacerdotais

A Redação

Frei José Augusto Marques, diretor da revista *Mensageiro de Santo António*, celebrou o 25º Aniversário de Ordenação sacerdotal. Associamo-nos à festa, partilhando com ele a nossa alegria e propondo algumas passagens da homilia que proferiu na Missa festiva celebrada no adro da igreja de Santo António dos Olivais, em Coimbra, no dia 21 de junho. Estando atualmente na comunidade de São Maximiliano Kolbe, em Chelas, voltará a haver festa, em Lisboa, no dia 4 de outubro.

Como surgiu a escolha de ser frade franciscano

É Deus que toma a iniciativa de chamar, de propor. A liberdade de aceitar ou não o desafio, é nossa. Os pretextos para recusar são muitos: “Não tenho tempo; a minha profissão ocupa-me muito; o ambiente onde vivo afasta-me de Deus...”; mas Ele continua à espera, levando o seu plano por diante.

Quando tudo parecia normal, encaminhado para a realização de um futuro feliz, com um curso, com a ideia de formar família; aos 25 anos de idade, com a profissão religiosa na Ordem dos Frades Menores Conventuais, aceitei partir para ficar sempre com

Aquele que me chamava a trabalhar na sua vinha.

Percorrendo a estrada, fui apanhado por dificuldades e dúvidas. Quando tudo parecia bem encaminhado, durante o ano de noviciado, surgiu a doença e então a dúvida e o medo ficaram mais fortes: “Mas será que ainda vale a pena?”

Superando as dificuldades, até aceder ao sacerdócio

Em cada etapa, a voz de Deus fazia-se sentir para dar serenidade e abrandar todo o tipo de medo. Através de tantas pessoas que encontrei, que estivei perto de mim com o seu conselho, com a sua ajuda e amizade, a voz do Senhor tornava-se mais clara e concreta.



Frei José Augusto

Frei José Augusto Marques é natural de S. Romão – Seia, onde nasceu a 10 de abril de 1958.

Cresceu e estudou em Coimbra, onde foi acolhido na Ordem dos Frades Menores Conventuais, em 1980.

Fez o seu Noviciado em Pádua, onde concluiu os estudos filosóficos e teológicos. Em 1987 emitiu a Profissão perpétua, na mesma Ordem franciscana.

Foi ordenado sacerdote em Coimbra, no Mosteiro de Celas, a 11 de junho de 1995, pela imposição das mãos do Bispo D. João Alves. Desde então exerceu o ministério sacerdotal em Coimbra e Viseu, estando atualmente em Lisboa.

O dom, foi-se tornando sempre mais aquele tesouro pelo qual valia a pena deixar tudo o resto.

Doze anos mais tarde, quando as condições da saúde já não representavam perigo para sobreviver, encontrei-me com a proposta da Ordenação Sacerdotal. Nesse dia já distante, a minha vida tornou-se como a de quem apanha um comboio e começa uma longa viagem.

Fazer festa em tempos de pandemia

É a fidelidade de Deus que hoje celebro. O primeiro sentimento que enche o coração é precisamente o de uma imensa gratidão ao Senhor pelo dom da vida, além do dom do sacerdócio. Agradeço a Deus que na sua bondade, sem mérito meu, me chamou, na minha fragilidade, a colaborar com Ele no anúncio do Evangelho.

A minha resposta ao Senhor, o meu esforço nos anos de formação, o meu ministério nas várias comunidades por

onde a obediência me tem feito passar, são pouca coisa em comparação com a atenção que Deus me dedicou; em comparação com a força que me susteve nos anos mais difíceis em que a doença dificultou a caminhada;

em comparação com a ternura de Deus que sempre nos acompanha.

25 anos são apenas uma etapa em direção ao futuro

A estrada começada há 25 anos não acabou, mas no eterno desígnio de Deus, está destinada a continuar. Olho para o futuro com a serena consciência de que sobre a Palavra de Jesus parti e sobre a Palavra de Jesus espero continuar a caminhar.

Não sei como serão os tempos que Deus me reserva. Mas uma coisa sei: que o Senhor me chama a viver este tempo como um tempo providencial para continuar ainda a acreditar mais e melhor. Deus não falhou às suas promessas apesar dos meus medos e pecados. Isto dá-me serenidade e esperança para enfrentar o futuro, pois acredito que Ele continuará a ser fiel. ■





Frei Valentim Strappazzon

A transfiguração de Jesus. Pintura de Raphael (1443-1520), Pinacoteca dos Museus do Vaticano. Wikimedia Commons.

A escada da transfiguração

A PALAVRA DE DEUS

Naquele tempo, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, seu irmão, e levou-os, em particular, a um alto monte e transfigurou-Se diante deles [...].

Ainda [Pedro] falava, quando uma nuvem luminosa os cobriu com a sua sombra e da nuvem uma voz dizia: “Este é o meu Filho muito amado, no qual pus toda a minha complacência. Escutai-O” [...].

Erguendo os olhos, eles não viram mais ninguém, senão Jesus.

Ao descerem do monte, Jesus deu-lhes esta ordem: “Não conteis a ninguém esta visão, até o Filho do homem ressuscitar dos mortos”.

Mc 17, 1-9

A PALAVRA DE SANTO ANTÓNIO

Estes três Apóstolos e companheiros especiais de Jesus Cristo significam as três virtudes da alma sem as quais ninguém pode subir ao monte da luz, isto é, à excelência da vida santa. Pedro é o que reconhece o seu pecado; Tiago, o que suplanta a soberba do seu espírito; João, a graça do Senhor que te ilumina, te faz reconhecer o mal que fizeste e te conserva no bem que começaste.

A graça do Senhor, de facto, envolve o justo transfigurado no monte da luz, da vida santa, e desta forma merecerá ouvir o murmúrio da tênue aura, a doçura de Deus Pai: “Este é o meu Filho querido; escutai-O”. Verdadeiramente é digno de se chamar Filho de Deus quem tomou consigo os três companheiros, subiu ao monte e a si mesmo se transfigurou de figura do mundo em figura de Deus.

Rogamos-te, portanto, Senhor Jesus, que nos faças subir deste vale de miséria ao monte duma vida santa, a fim de que gravados na figura da tua Paixão, fundados na mansidão da misericórdia e no zelo da justiça, mereçamos ouvir a voz de gozo, alegria e júbilo: “Vinde, benditos de meu Pai. Recebei o reino que vos foi preparado desde o princípio do mundo” (Mt 25,34).

Festa da transfiguração do Senhor

APROFUNDAMOS

O Evangelho da Transfiguração oferece-nos um dos comentários mais profundos de todos os sermões de Santo António. É lembrado em todas as “antologias”. As palavras, cujo profundo significado penetra o vocabulário espiritual cristão e

antoniano, são: a montanha, a subida, a escada e a contemplação da face de Deus.

A montanha. “O monte, por causa da sua altitude, significa a excelência da vida santa. É no monte que o Senhor se manifesta” (Gn 22,14); e nos faz ver e entender quanto devemos a Deus e ao próximo.

A subida. “Acredita : a subida é difícil, o monte é alto. Toma aquela escada de que se lê e canta na liturgia deste domingo: Jacob viu em sonhos uma escada direita ... posta sobre a terra, cujo cimo tocava o céu (Gn 28,12-13) ... Esta escada significa Jesus. Tem duas hastes, a natureza divina e humana; e seis degraus: a humildade da nossa natureza e a pobreza da Virgem; a sabedoria da sua pregação e a misericórdia pelos pecadores; a paciência da sua Paixão e a obediência até a morte e morte de cruz (Fil 2,8)”.

Eis a escada que se ergue direita para o céu: porque não subis? Porque rastejais com as mãos e os pés sobre a terra?

O seu rosto ficou brilhante como o sol... grava-te, como cera mole, nesta figura, para poderes receber a figura de Jesus Cristo. Então o Pai te chamará, como seu filho querido, para tomares parte do seu reino.

Este evangelho é um convite para elevar o nosso olhar da monotonia da vida quotidiana para a beleza do reino de Deus. Teimamos em procurar satisfação nas coisas que o mundo nos oferece? Um vírus invisível pode, a qualquer momento, tudo destruir. Então, contemplemos, sigamos Jesus e o nosso mundo ficará transformada pela luz de Deus. ■

Oração pela nossa terra

Laudato si', 246

Deus Onnipotente,
que estais presente em todo o universo
e na mais pequenina das vossas criaturas,
Vós que envolveis com a vossa ternura tudo o que existe,
derramai em nós a força do vosso amor
para cuidarmos da vida e da beleza.

Inundai-nos de paz,
para que vivamos como irmãos e irmãs
sem prejudicar ninguém.

Ó Deus dos pobres,
ajudai-nos a resgatar
os abandonados e esquecidos desta terra
que valem tanto aos vossos olhos.

Curai a nossa vida,
para que protejamos o mundo
e não o depredemos,
para que semeemos beleza
e não poluição nem destruição.

Tocai os corações
daqueles que buscam apenas benefícios
à custa dos pobres e da terra.

Ensinai-nos a descobrir o valor de cada coisa,
a contemplar com encanto,
a reconhecer que estamos profundamente unidos
com todas as criaturas
no nosso caminho para a vossa luz infinita.

Obrigado porque estais connosco todos os dias.

Sustentai-nos, por favor, na nossa luta
pela justiça, o amor e a paz.

De 24 de maio 2020 a 24 de maio de 2021, o Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral promove um Ano Especial dedicado à *Laudato si'*, que tem como objetivo propor um compromisso público comum com a “sustentabilidade total” a ser alcançada em 7 anos. Estão envolvidas as famílias, dioceses, ordens religiosas, universidades, escolas, unidades de saúde e o mundo dos negócios, com especial atenção às empresas agrícolas.